

Seis habilidades essenciais para o Chief of Staff

Liderança, olhar estratégico e flexibilidade são diferenciais para profissionais se destacarem nessa função cada vez mais valorizada nas empresas; Carolina Santos Laboissiere, Diretora Regional da CSA (The Chief of Staff Association) no Brasil, comenta

Em um cenário corporativo em transformação, a figura do Chief of Staff (CoS) se consolida como peça-chave na gestão estratégica. Nos Estados Unidos, em 2024, havia cerca de 150 mil vagas abertas para esse cargo, enquanto no Brasil o número de anúncios girava em torno de 15 mil.

Originário do governo americano, onde atuava como “chefe de gabinete”, o cargo migrou com naturalidade para o setor privado, ganhando relevância especialmente em ambientes complexos e ágeis. Considerado o “quinto elemento” nas lideranças mais modernas, o CoS está presente em mais de 40% das principais empresas globais e continua ganhando espaço nas estruturas executivas.

“Um Chief of Staff eficaz precisa unir habilidades técnicas e comportamentais para navegar entre áreas, alinhar executivos e garantir que as prioridades estratégicas avancem. O desenvolvimento dessas competências não apenas fortalece a atuação na função, mas também amplia o potencial de ascensão na carreira”, avalia Carolina Santos Laboissiere, Diretora Regional da CSA (Chief of Staff Association) no Brasil.

Pensando nisso, Carolina listou algumas das principais competências neces-



sárias para um CoS de alto desempenho:

Capacidade de liderança: Mais do que comandar, liderar é inspirar e engajar equipes para alcançar resultados coletivos, mesmo sem autoridade hierárquica direta. “O CoS precisa saber motivar profissionais de diferentes perfis, criar um ambiente colaborativo e transmitir confiança, mantendo todos alinhados aos objetivos estratégicos”, explica.

Comunicação estratégica: A clareza e a assertividade na comunicação são fundamentais para adequar a mensagem ao público, simplificar informações complexas e assegurar o entendimento da visão da liderança. “Um Chief of Staff eficaz precisa unir habilidades técnicas e comportamentais para navegar entre áreas, alinhar executivos e

garantir que as prioridades estratégicas avancem”, completa a diretora.

Pensamento analítico: Com base em dados e evidências, o CoS deve interpretar cenários, identificar tendências e antecipar riscos e oportunidades, apoiando decisões estratégicas com embasamento técnico e propondo soluções eficazes. “Um Chief of Staff que combina análise de dados com visão estratégica consegue transformar informações complexas em decisões claras e impactantes para a organização.” ressalta.

Gestão de projetos: Conduzir iniciativas estratégicas do planejamento à execução, garantindo prazos e resultados, é central à função. “Um Chief of Staff eficiente sabe priorizar tarefas, coordenar equipes multidisciplinares e acompanhar indicadores

para assegurar o progresso estratégico”.

Influência interpessoal: A construção e manutenção de relacionamentos sólidos com stakeholders internos e externos exige confiança e credibilidade. “Um CoS com forte influência consegue articular interesses, mediar conflitos e mobilizar pessoas em prol dos objetivos comuns”, destaca.

Adaptabilidade: Mudanças de prioridade, novos desafios e ambientes de alta pressão fazem parte da rotina. “Ser adaptável significa reagir com agilidade, manter a calma em cenários incertos e ajustar estratégias conforme necessário para manter a organização no caminho do sucesso”, explica.

As capacitações oferecidas pela CSA a sua rede de membros trazem temas relevantes à atuação de um Chief of Staff, como visão estratégica, comunicação executiva e liderança. Entre os programas executivos, destacam-se a formação em Oxford e Harvard Business School, com certificação profissional, cursos online, eventos internacionais e treinamentos setoriais em áreas como finanças, tecnologia e governo e planos para startups. Além disso, os membros ampliam networking e trocas globais, fortalecendo seu papel como elo estratégico entre a alta liderança e os times.

Setor brasileiro de logística: impactos e oportunidades da IA

André Vieira (*)

O setor logístico brasileiro vive um momento de inflexão, em meio a custos elevados, margens apertadas e operações cada vez mais complexas

O Panorama dos Custos Logísticos do Brasil de 2024, do Instituto de Logística e Supply Chain, aponta que no ano passado os gastos de transporte no país somaram R\$ 940 bilhões, 7% a mais do que em 2023.

Com a pressão pelo controle desses gastos, somadas a margens cada vez menores, a Inteligência Artificial transforma desafios em oportunidades e cria um cenário de controle fundamental para a logística brasileira. Aplicada à gestão, essa tecnologia é capaz de gerar ganhos expressivos em eficiência, segurança e sustentabilidade.

A aplicação de algoritmos de Machine Learning, visão computacional, sensores telemáticos e IA generativa já permite analisar dados em tempo real, prever falhas mecânicas antes que ocorram e otimizar rotas de maneira dinâmica, levando em conta variáveis como clima e trânsito. Mais do que isso, a tecnologia se torna um copiloto para os motoristas, oferecendo alertas sobre fadiga, distração e riscos na estrada, contribuindo para uma condução mais segura e produtiva.

E embora as oportunidades sejam muitas, há ainda um imenso espaço para avanço. Estudos indicam que a IA aplicada na gestão logística, desde a contratação do frete pelo embarcador até toda a gestão da entrega, proporciona reduções importantes: de 10% a 20% nos custos de combustível com a otimização de rotas, cortes de 20% a 30% em reparos com manutenção preditiva e até 40% menos acidentes em frotas que adotaram sistemas de monitoramento inteligente, segundo relatório da Geotab de 2024.

Além da eficiência operacional, a IA também contribui para a agenda de

sustentabilidade, ao reduzir emissões por meio de rotas otimizadas, minimizar o desgaste de peças e ampliar o uso de veículos elétricos de maneira inteligente. A criação de gêmeos digitais da cadeia logística, tendência crescente, permitirá simular cenários completos em tempo real, antecipando gargalos e apoiando decisões estratégicas.

E não é apenas na equipe que está, literalmente, na estrada, que as oportunidades existem. Para quem está no escritório, gerindo toda a burocracia que envolve a distribuição logística, a IA traz oportunidades de busca de dados, conferência de documentos, análises otimizadas de parceiros e muitas outras ações que reduzem o tempo de pesquisa. Há, ainda, a melhora da tomada de decisão e ampliação do leque de oportunidades para implantação de ações de redução de custos.

No entanto, a adoção dessas tecnologias enfrenta desafios. A integração com sistemas legados e as preocupações legítimas sobre privacidade e monitoramento excessivo de motoristas, por exemplo, o que exige transparência, regulamentação e soluções que priorizem a anonimização de informações.

Mesmo diante desses obstáculos, os benefícios já demonstrados indicam que a IA não é mais uma promessa distante, mas uma realidade em rápida expansão. Empresas que investirem agora terão a oportunidade de ocupar um espaço estratégico, explorando ao máximo a previsibilidade, a eficiência e a segurança proporcionadas por essa tecnologia. No Brasil, onde a logística ainda enfrenta gargalos históricos de infraestrutura e altos custos, a adoção da IA pode ser um divisor de águas. Para gestores e tomadores de decisão, o momento é de agir com visão de futuro, aproveitando o potencial da tecnologia para transformar desafios em vantagem competitiva.

(*) Especialista da DATAFRETE, empresa brasileira que desenvolve soluções digitais para gestão logística.

Estudo mostra que incerteza econômica é preocupação para 65% dos gestores

Monitor Global de Liderança aponta ainda escassez de talentos, mudanças no comportamento do consumidor, mudanças tecnológicas, tributação e regulações mais rígidas como maiores desafios no Brasil

A incerteza quanto ao crescimento econômico segue pelo segundo ano consecutivo no centro das preocupações dos líderes empresariais no Brasil, de acordo com o Monitor Global de Liderança. A pesquisa realizada pela Russell Reynolds Associates, referência global em busca, sucessão e desenvolvimento de lideranças, mostra que 65% dos gestores brasileiros consideram o cenário macroeconômico instável como o principal risco para os negócios, enquanto 55% destacam a escassez de mão de obra qualificada, 42% apontam mudanças no comportamento do consumidor e 38% dividem-se entre carga tributária, mudanças tecnológicas e regulações mais rígidas como desafios.

“Diante de um cenário macroeconômico cada vez mais instável, espera-se que os líderes atuem com clareza, intenção e coragem. Não basta apenas reconhecer os riscos, é fundamental mobilizar pessoas, comunicar uma visão consistente e fortalecer a liderança em todos os níveis da organização. O grande desafio dos executivos nesse momento é transformar a incerteza em uma oportunidade de alinhamento

estratégico e fortalecimento coletivo, preservando o foco nos objetivos de longo prazo”, analisa Flávia Leão, sócia-diretora da Russell Reynolds e country manager da consultoria no Brasil.

Após registrar queda de 16 pontos percentuais entre o primeiro e o segundo semestre de 2024, a preocupação com a incerteza econômica no Brasil voltou a crescer em 2025, registrando alta de 10 pontos percentuais na percepção das lideranças. O dado nacional segue uma tendência mundial: 63% dos líderes globais também consideram a instabilidade na economia uma das maiores ameaças à saúde das organizações nos próximos 12 a 18 meses. O cenário desafiador se agrava ao se comparar o indicador com a proporção de líderes mundiais que se dizem preparados para lidar com a incerteza econômica, que caiu para 40%.

A escassez de mão de obra qualificada é apontada como a segunda maior ameaça aos negócios, de acordo com a percepção dos executivos brasileiros. A preocupação com o tema cresceu nove pontos percentuais no último semestre após se manter estabilizado ao longo de 2024. O pódio de riscos para negócios no Brasil é completado com as mudanças no comportamento do consumidor, indicador que também voltou a subir depois de um recuo no segundo semestre em comparação com o primeiro semestre de 2024.

A preocupação com carga tributária segue crescendo entre as lideranças ouvidas no Brasil, um aumento de oito pontos percentuais, enquanto, na percepção global, a tributação foi mencionada por apenas por 10% dos participantes do estudo. Embora mudanças tecnológicas já estejam melhor absorvidas de acordo com o estudo, com retração de 13 pontos percentuais em relação a 2024, o indicador segue entre as cinco principais preocupações dos gestores brasileiros. Regulações mais rígidas, ameaças cibernéticas, transformações no mercado de trabalho, incertezas geopolíticas, danos reputacionais, conflitos comerciais e protecionismo também foram destacadas pelos participantes do Monitor Global de Liderança como questões que podem impactar as organizações no Brasil.

O Monitor Global de Liderança entrevistou mais de 3 mil gestores de 46 países, incluindo o Brasil. O levantamento abrangeu membros do alto escalão, executivos seniores, conselheiros e representantes da próxima geração de lideranças de empresas que atuam nos setores de Consumo, Serviços Financeiros, Saúde, Tecnologia, Recursos Industriais e Naturais e Serviços Profissionais e Comerciais. Para conhecer o estudo na íntegra, acesse <https://www.russellreynolds.com/en/insights/reports-surveys/global-leadership-monitor>.



www.netjen.com.br

Para veiculação de seus
Balanços, Atas, Editais e Leilões
neste jornal, consulte sua agência
de confiança, ou ligue para

TEL: 3043-4171